



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NUCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM HISTÓRIA LOCAL
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA.**

JULIANA KAROL DE OLIVEIRA FALCÃO

**A IRMÃ ANA DE NAZARETH E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS PARA
A CIDADE DE SOLEDADE-PB (1960-1970)**

**CAMPINA GRANDE
2020**

JULIANA KAROL DE OLIVEIRA FALCÃO

**A IRMÃ ANA DE NAZARETH E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS PARA
A CIDADE DE SOLEDADE-PB (1960-1970)**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Local da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Especialização em Estudo de História Local: Sociedade, Educação e Cultura.

Área de concentração: Espaços, Culturas e Sociabilidades.

Orientadora: Professora Doutora Hilmária Xavier Ribeiro

CAMPINA GRANDE
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F178i Falcão, Juliana Karol de Oliveira.

A Irmã Ana de Nazareth e as suas contribuições culturais para a cidade de Soledade-PB (1960-1970) [manuscrito] / Juliana Karol de Oliveira Falcão. - 2020.

37 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.

"Orientação : Profa. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro, Departamento de História - CEDUC."

1. História da Paraíba. 2. História local. 3. Cultura paraibana. 4. Sociedade - Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 981.33

JULIANA KAROL DE OLIVEIRA FALCÃO

A IRMÃ ANA DE NAZARETH E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES
CULTURAIS PARA A CIDADE DE SOLEDADE-PB (1960-1970)

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Local da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Especialização em Estudo de História Local: Sociedade, Educação e Cultura.

Linha de pesquisa: Espaços, Culturas e Sociabilidades.

Aprovada em 06 de julho de 2020.

Nota: 10,00

BANCA EXAMINADORA



Professora Doutora Hilmaria Xavier Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Professor Mestre Glauber Paiva da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)



Professora Mestre Raquel Silva Maciel
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico às minhas avós e aos meus avôs: Maria Ercina Queiroz Falcão (*in memorian*); Braz de Farias Falcão (*in memorian*); Maria da Natividade de Oliveira (*in memorian*); José Lúcio de Oliveira (Zé Preto); e a cidade de Soledade.

“Soledade/Nasci já em outras terras/Bem diferente, é verdade!/Mas o destino me trouxe/Para conhecer Soledade./Muito embora esse nome/Significa: solidão e saudade,/Vivo a lembrar do meu esposo/Que me deixou em Soledade/Por isso que da minha terra /Não posso sentir saudades./Procurei agasalhos/Nas sombras de Soledade./Mesmos nas horas de Saudade/Tenho que homenagear/O progresso de Soledade [...]”. (Maria da Purificação Borges Ramos, 1991).

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Fotografia 01: Irmã Ana de Nazareth em coquetel no Giulio Cesare (RJ) tocando violão e cantando em apresentação cultural que comemorava a peregrinação ao Velho Mundo em homenagem ao aniversário da aparição de Nossa Senhora de Fátima.....	17
Imagem 01: Bandeira da cidade de Soledade-PB.....	22
Fotografia 02: Almoço na casa Paroquial, durante uma das missões de Frei Damião em Soledade em 1969.....	26
Fotografia 03: Procissão das crianças 1º comunhão na Igreja Matriz Nossa Senhora Santana em maio de 1971.....	27
Fotografia 04: Irmã Ana de Nazareth tocando sanfona em festividade soledadense.....	30
Fotografia 05: Desfile Cívico onde a Irmã encontra-se a margem direita da fotografia acompanhando a organização do desfile.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O FLORESCEM DO CARUÁ: DAS MALHADAS DAS AREIAS VERMELHAS AO SURGIMENTO DO LOCAL - A CIDADE DE SOLEDADE.....	12
2.1 Localização.....	12
2.2 Fundação da cidade.....	13
3 A CULTURA MISSIONÁRIA DAS IRMÃS NOSSA SENHORA DE FÁTIMA: MEIOS SECULARES PARA PROMOVER E PROPAGAR A PALAVRA CRISTÃ ...	15
3.1 As Irmãs da Ordem de Nossa Senhora de Fátima e a cultura popular	16
3.2 As faces da Irmã Ana de Nazareth: a pluralidade de uma religiosa	17
4 “SENTINELA DO CARIRI, SOLEDADE DEUS VELA POR TI”: A CRIAÇÃO DA BANDEIRA E A COMPOSIÇÃO DO HINO DE SOLEDADE-PB.....	21
4.1 A criação da bandeira	21
4.2 A criação do hino “Sentinela do Cariri”	23
5 ATUAÇÃO EDUCACIONAL E RELIGIOSA: SERVIÇOS PRESTADOS A COMUNIDADE SOLEDADENSE.....	25
5.1 A atuação religiosa	25
5.2 A atuação educacional.....	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	33

**A IRMÃ ANA DE NAZARETH E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS PARA
A CIDADE DE SOLEDADE-PB (1960-1970)**

**LA MONJA ANA DE NAZARETH Y SUS CONTRIBUCIONES CULTURALES
PARA LA CIUDAD DE SOLEDADE-PB (1960-1970)**

Juliana Karol de Oliveira Falcão¹

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo a Irmã Ana de Nazareth e a sua atuação na cidade de Soledade, na Paraíba. O Objetivo Geral é trazer a tona as principais contribuições culturais da Irmã Ana para a cidade de Soledade (PB) durante as décadas de 1960 e 1970. A abordagem da pesquisa é classificada em natureza de método qualitativo e o procedimento de técnica bibliográfica. As principais fontes utilizadas foram os livros, artigos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, revistas, entrevistas, música, e-mail, páginas de facebook (Soledade Memórias) e fotografias. Os principais referenciais teóricos são: Rodrigues (2016); Nóbrega Filho (1974); Lucena (2013); Thompson (1952); Halbawachs (1968), entre outros. O trabalho a partir dessas conjunturas torna-se uma importante pesquisa para a História Local.

Palavras-chave: História Local. Irmã Ana de Nazareth. Soledade.

RESUMEN

Este artículo tiene como objeto de estudio la Monja Ana de Nazaret y su actuación en la ciudad de Soledade, en la Paraíba. El objetivo general es presentar las principales contribuciones culturales de la Monja Ana en la ciudad durante las décadas de 1960 y 1970. El enfoque de investigación se clasifica como un método cualitativo y el procedimiento como una técnica bibliográfica. Las principales fuentes utilizadas fueron libros, artículos académicos, trabajos de conclusión de cursos, revistas, entrevistas, canción, correo electrónico, páginas de Facebook (Soledade Memórias) y fotografías. Las principales referencias teóricas son: Rodrigues (2016); Nóbrega Filho (1974); Lucena (2013); Thompson (1952); Halbawachs (1968); y otros. El trabajo de estas coyunturas se convierte en una investigación importante para la historia local.

Palabras clave: Historia Local. Monja Ana de Nazareth. Soledade.

¹ Graduada no Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduada no Curso de Licenciatura em Letras Língua Espanhola (UEPB). Pós-Graduada em Estudo de História Local: Sociedade, Educação e Cultura (UEPB). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (UEPB). E-mail: Julianakarol-16@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

No palco da memória, as mulheres são sombras tênues (Michelle Perrot).

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas, com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (Lucien Febvre).

Na tradição narrativa, no contexto da abordagem historiográfica, a imagem feminina ocupou pouco espaço como protagonista, tornando-se, na maioria dos casos, sem identidade e sem visibilidade. A mulher foi inserida, durante muito tempo, ao campo de coadjuvante, de papel secundário nas tramas históricas ao ocupar territorialidade como o lar doméstico e ao ser marginalizada nos espaços da política e da educação. Por isso, é importante destacar que apesar de que a historiografia oficial tenha propositadamente deixado de destacar as mulheres elas nunca estiveram ausentes. Com a expansão da Nova História tornou-se possível à abertura para poder falar em uma história da mulher e/ou tratá-la como protagonista nos cenários em que atua efetivamente nas mudanças locais (CUNHA, 2000).

Não fora apenas a personagem feminina que adquiriu espaço na pesquisa histórica através da Nova História, outras abordagens de pesquisas se tornaram possíveis como os estudos da História Regional e Local que visam enxergar as emergências de um recorte espacial mais restrito. Vejamos que “considera-se que a história regional e local tem origens na nova história com as monografias de Emmanuel Le Roy e Pierre Goubert, na segunda geração dos *Annales*, que estabelece um modelo alternativo para a história regional e local [...]” (NEVES, 2002, p. 57).

Fazer uso da escolha de estudar o local em uma pesquisa histórica requer do historiador um preparo especial principalmente quando estamos falando do espaço social, econômico, cultural e político no qual o pesquisador participa em seus enredos de vivências.

Tendo em vista que estudar o local é processar os sentimentos, os afetos, as relações, os reflexos, de um lugar. É compreender que as narrativas, desse espaço, são circundadas de saudosismos, de lembranças afetivas de outrora, de vínculos ainda vivos e pulsantes, que podem provocar aos seus habitantes tanto prazeres quanto desprazeres.

Considerando inclusive quando o trabalho envolve como fonte histórica as entrevistas de pessoas que viveram e conviveram tanto com o período que está sendo estudado quanto com a personagem e o espaço que está sendo investigado. Trabalhar com o local é saber que iremos nos deparar com os regimes de verdades criados e alicerçados pelos próprios moradores (ADILSON FILHO, 2019).

Ao levar em consideração toda a relevância que existe acerca da pesquisa local e do ainda imenso silêncio em torno das participações femininas para o crescimento das cidades nos inquietou pensar, através da história de Soledade (PB), uma personagem que surgiu de repente, mas que nos seus passos deixou os rastros dos seus feitos que se perpetuaram e são recordados através do tempo, portanto o nosso objeto de estudo é a Irmã Ana de Nazareth que pertencia à missão das Irmãs Nossa Senhora de Fátima². Salvo o nosso objeto de pesquisa, esta inquietação nos fez refletir acerca de quantos rostos e biografias femininas padeceram no esquecimento histórico devido a nenhum pesquisador ou pesquisadora observá-las como importantes para engrandecê-las nas tessituras da história³.

O nosso trabalho está alicerçado no seguinte problema: Quais as principais contribuições da Irmã Ana de Nazareth para a cidade de Soledade não apenas na esfera religiosa, como na educação e nas demais áreas de sociabilidade? Lembrando que a sua

² A Ordem das Irmãs Nossa Senhora de Fátima é o reflexo de uma crença do aparecimento de Nossa Senhora no início do século XIX. Fátima é o nome de uma aldeia situada em Portugal e esta a 100 quilômetros de Lisboa. Na primavera de 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, enquanto três pastores estavam conduzindo as suas ovelhas à Loca do Cabeço avistaram uma imagem de uma mulher que ficou conhecida como Nossa Senhora de Fátima. Os três pastores foram: Lúcia, Francisco e Jacinta. Houve muitas aparições e por muitos as crianças foram desacreditadas, entretanto na sexta aparição Nossa Senhora de Fátima disse a Lucia que naquele local deveria ser levantada uma capela para Nossa Senhora do Rosário e quando ela estava indo embora ocorreu um fenômeno sobrenatural. O sol apareceu entre as nuvens como se fosse um grande disco e começou a girar com bordas avermelhadas e espalhando raios de fogo. Dizem que o fenômeno pode ser enxergado até quarenta quilômetros de distância. As pessoas pediram perdão para Deus e a Nossa Senhora de Fátima. A principal mensagem que ela deixou foi penitência, oração, e uma ligação fortalecida com o rosário, pois se o rezar é uma força a mais que Deus dá aos seus fieis (MARCHI, 2007).

³ Os caminhos que me levaram a esta pesquisa e a esse tema foram justamente os silenciamentos que rondavam o nome da Irmã Ana de Nazareth dentro do contexto histórico das narrativas científicas sobre a cidade em que quando apontada era de maneira superficial. Enquanto criadora de dois símbolos relevantes e visualizados em qualquer cidade do mundo e outros tantos feitos importantes seu nome ecoava em baixa tonalidade. Em 17 de agosto de 2015 foi proposto o projeto, por meio do Vereador Reginaldo Gomes Falcão, para nomear uma das escolas da cidade com o nome da Irmã, a justificativa contava com apenas uma lauda que narravam sobre os seus feitos. Diante disso senti a necessidade de abrangência historiográfica em torno deste nome.

atuação ocorreu durante o período da Ditadura-Civil-Militar⁴. Neste contexto iremos enxergá-la como um monumento, isto é, o “monumento é aquilo que memoriza, traz à lembrança algo que se guarda, algo que é digno de memória e de co-memorar (memorizar com; no coletivo)” (MENESES, 2006, p.31).

O Objetivo Geral é trazer a tona as principais contribuições culturais da irmã Ana para a cidade de Soledade (PB) durante as décadas de 1960 e 1970. Os Objetivos Específicos são: discorrer acerca da localização e da fundação do lugar, isto é, da cidade Soledade; apontar a cultura da Ordem das Irmãs de Nossa Senhora de Fátima durante a década de 1960 no Brasil e configurar a Irmã Ana de Nazareth enquanto uma religiosa plural dentro deste contexto; classificar os símbolos cívicos criados pela Irmã que perduram até a atualidade; e, por fim, elencar as contribuições religiosas e educacionais provocadas por ela no local.

A abordagem da pesquisa é classificada em natureza de método qualitativo, que é definido como uma pesquisa que tem o ambiente natural como fonte de dados, e o procedimento de técnica bibliográfica. As principais fontes utilizadas foram os livros, artigos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, revistas, entrevistas, música, e-mail, páginas de facebook e fotografias. A história oral se destaca ao possibilitar encontrar vestígios do passado que não estão escritos nos livros. A memória, neste caso, passa a ser entendida como um fenômeno coletivo e social, isto é, construído por meio das transformações e das mudanças constantes na sociedade. Esta memória também é entendida como seletiva, seja de maneira consciente e/ou inconsciente (HALBWACHS, 1968).

Neste trabalho foram utilizadas fotografias encontradas, em sua maioria, na página do facebook “Soledade Memórias”⁵ que tem como principal utilidade preservar a memória do município através das postagens de fotografias que retratam diversos acontecimentos da cidade desde sua criação até os tempos atuais e, com isso, serve como espaço de recordação. A página conta com 5.000 participantes e tem em média 6.000 fotografias. As fotografias são enviadas por membros.

Também foi utilizada uma imagem, assim como a reportagem, da Revista O Cruzeiro, do Rio de Janeiro, que estava na edição publicada no dia 10 de fevereiro de 1966. É uma excelente fonte de pesquisa imagética que proporcionou identificar a imagem do nosso objeto

⁴ O termo “Golpe civil-militar” ou “ditadura civil-militar” foi apresentado à historiografia como uma forma mais precisa de se referir ao golpe de 1964, pois deve ser recordado que o golpe teve o apoio dos civis. Por exemplo, a população marchava contra as reformas de base de Jango e temiam uma possível instauração do comunismo no Brasil. Para alguns civis da época aderir ao golpe era melhor que viver sob o comunismo (MELO, 2012).

⁵ A página do Facebook Soledade Memórias pode ser acessada através do link: <https://www.facebook.com/andre.sales.566?fref=search&__tn__=%2Cd%2CP-R&eid=ARAhbCCn2FsenlMwn8vfQZmqZSwRxroFiePysou3_l6CbOgxDIPIS_DriStHADIqey8E1fUAObTtFD bu>. A pesquisa realizada nesta plataforma ocorreu durante os meses de dezembro de 2019 e janeiro de 2020.

de pesquisa fora do contexto da cidade Soledade e ajudou a compreender a dinâmica social que cercava a Irmandade de Nossa de Fátima.

O uso da fotografia como fonte é um discurso, um relato visual, um ponto de vista, uma montagem, um corte, uma perspectiva, uma seleção, um fragmento, um indício e uma atmosfera construída, portanto, como qualquer outra fonte, deve ser questionada e codificada. Ela não conta uma história por ela mesma, precisa de um enredo, uma trama, um contexto que a dê sentido. Assim, pode ser descrita como “um discurso capaz de dar sentido a uma cidade, de construir uma visibilidade” (BERRAL, 2009, p. 15).

Os principais livros utilizados foram “A Flor do Caruá: narrativas sobre uma cidade paraibana” (2016), mais especificamente o capítulo “Aspectos históricos, geográficos e socioeconômicos do município de Soledade-PB” escrito pela professora Doutora Maria da Conceição Alves Rodrigues e “Malhada das Areias Brancas” (1974) escrito por Inocêncio Nóbrega Filho. As revistas utilizadas foram “O Cruzeiro” (1966), já citado, e “Soledade em Revista” (2013) escrita por Damião Lucena.

Foram realizadas três entrevistas nesta pesquisa: a primeira foi com o historiador, pesquisador da história soledadense, Fernando Luiz de Araújo da Costa⁶; o segundo foi com o historiador, fundador do Museu Benedito Filgueiras de Gois, o fundador da Semana da Cultura de Soledade e Professor do Colégio Gervásio Bonavides sob a direção da Irmã Ana de Nazareth, Juarez Filgueira de Gois⁷; e o terceiro foi com o escritor soledadense Inocêncio da Nóbrega⁸ que foi contemporâneo da Irmã Ana. As duas primeiras entrevistas foram realizadas por meio de gravação e a última foi realizada através do e-mail.

O trabalho está dividido em quatro partes: “O Florescer do Caruá: das Malhadas das Areias Vermelhas ao surgimento do local – a Cidade de Soledade”, em que será discutido acerca da localização territorial e da história do surgimento da cidade; “A Cultura Missionária Das Irmãs Nossa Senhora De Fátima: meios seculares para promover e propagar a palavra Cristã” em que será discorrido sobre a cultura na qual as Irmãs propagavam a sua fé Cristã e também como era vista a presença e personalidade da Irmã Ana perante algumas pessoas da sociedade soledadense; “Sentinela do Cariri, Soledade Deus Vela Por Ti”: a criação da bandeira e a composição do hino de Soledade-PB” neste título falaremos sobre o processo de criação do hino e da bandeira da cidade e os seus significados; em “Atuação Educacional e

⁶ Entrevista cedida no dia 28 de novembro de 2019. Gravada em Vídeo.

⁷ Entrevista cedida no dia 12 de março de 2020. Gravada em áudio.

⁸ Entrevistas cedidas nos dias 15 de fevereiro, 16 de fevereiro e 07 de março de 2020. As entrevistas foram realizadas via e-mail, mas o entrevistado só autorizou utilizar uma frase da sua fala na íntegra.

Religiosa: serviços prestado a comunidade soledadense” falaremos sobre as suas atuações na catequese e na direção do Ginásio Comercial Professor Gervásio Bonavides.

Assim, este trabalho se encaixa na linha de pesquisa “Espaços, Culturas e Sociabilidades”, pois investiga como uma figura singular, a Irmã Ana de Nazareth, que se insere em um espaço de convívio social, produz espaços de sociabilidades e práticas culturais. A pesquisa intitulada de “A Irmã Ana de Nazareth e as suas contribuições culturais para a cidade de Soledade-PB (1960-1970)” contribui para os estudos ligados à História Local, porque é voltada a questões culturais, educacionais e da sociais no local.

Estudar as cidades é uma atividade que vem ganhando mais evidência no campo historiográfico, pois essas análises urbanas refletem as mudanças e/ou permanências de vidas e de valores. Estudar as cidades é buscar memórias e raízes, é valorizar o passado (ABREU, 1998). As produções acadêmicas vêm ao longo dos últimos anos aumentando significativamente as pesquisas realizadas com a temática das cidades (CARPINTÈRO; CERASÒLI, 2009). Assim, esta pesquisa contribui com um novo recorte e novo objeto ainda não escrito pelos historiadores, fazendo-se uso do local e da cidade.

2 O FLORESCER DO CARUÁ: DAS MALHADAS DAS AREIAS VERMELHAS AO SURGIMENTO DO LOCAL - A CIDADE DE SOLEDADE

O local é o ambiente no qual primordialmente gestamos os nossos afetos e paixões, as nossas amizades, desejos, sonhos expectativas e desilusões [...] (José Adilson Filho).

As moças de Soledade que outrora/ não queriam namorar comigo/ só porque eram orgulhosas./ Diz o poeta em prosa:/ Acostuma-te a viver perambulando. /Se moça feia fosse inverno/ Soledade estava atolando/ O açude de Soledade estava sangrando/ E me dê licença/ Que Cininha de Braz/ Está me chamando (Braz de Farias Falcão).

2.1 Localização

Soledade é uma cidade pertencente ao Estado da Paraíba. Encontra-se na microrregião do Curimataú Ocidental. A sua área territorial corresponde a 560 Km², ela está localizada a uma distância de 186 km da capital do Estado, João Pessoa, no Cariri paraibano, polariza

também o Curimataú e o Seridó. Limita-se ao Norte com o Município de São Vicente do Seridó, ao Leste com os Municípios de Olivedos e Pocinhos, ao Oeste com o Município de Juazeirinho e ao Sul com os Municípios de Gurjão e Boa Vista. Está próxima às rodovias PB-176 e PB-177, sendo cortada pela rodovia federal BR-230, que dá acesso direto, rumo a oeste, à capital do Estado.

2.2 Fundação da cidade

Soledade surge em meio a uma terra de tonalidade barrenta, avermelhada, por essa característica natural a sua fundação se dá com a fazenda nomeada de Malhada Vermelha. Não se tem a exatidão de quando as terras passaram a ser chamadas de Malhada Vermelha, mas estima-se que fora no início do século XIX. Ela pertencia a João Gouveia e Sousa que a comprou de José Alves de Miranda. Mais tarde, devido à mudança natural da paisagem, ocorrida no lote do Riacho do Padre com início no Olho D'água do Tapuia-pega até Barra das Vacas, passa a ser chamada de Malhada das Areias Brancas.

A construção que propiciou o surgimento da cidade foi o cemitério nomeado de Soledade em 1856. A sua construção foi fruto de uma das iniciativas que foram realizadas na Paraíba pelo missionário Padre Ibiapina⁹. O “Cemitério Soledade” foi construído para que pudessem ser enterradas as vítimas do surto de epidemia da *cóleramorbus* registradas a partir de 1856.

No corrente ano de 1856, o Padre Ibiapina na sua missão apostólica pelo interior da província benze um terreno e funda um cemitério para enterrar os coléricos, ao qual deu o nome de Soledade... Começando então a construírem-se no lugar algumas casas, povoando-se no decorrer dos anos. Esta localidade hoje é a vila de Soledade (PINTO, 1916, p.251).

Esta construção ocorreu visto que naquele tempo o cemitério mais próximo era em São João do Cariri e o Padre Sousa Marques, responsável por ele, estava se recusando a enterrar os corpos, porque tinha receio de que a população local acabasse se contagiando com a doença,

⁹ Padre Ibiapina nasceu em 05 de agosto de 1806 numa fazenda próxima de Sobral, Ceará. Seu nome de batismo é José Antônio Pereira, filho de Francisco Miguel Pereira e Tereza Maria de Jesus. Na década de 1950 ele percorreu o território de Pernambuco até Piauí realizando ações concretas nas comunidades: casas de caridade, hospitais, cemitérios, igrejas e açudes. Na Paraíba encontramos a sua atuação nas cidades de: Alagoa Nova, Areia, Santa Luzia, Santa Fé, Pocinhos, Parari, Cabaceiras, Cajazeiras, Soledade, Souza e Campina Grande. Faleceu na cidade de Arara, em 19 de fevereiro de 1883, em uma das casas de caridade que ele criou.

A exemplo Ana de Farias Castro (Aninha), filha de José Felix que foi infectada no sítio São José, pertencente ao seu tio Tomaz Ferreira, a qual acabou sendo sepultada em uma cova rasa, sobre a qual, a mando da família, o pedreiro Antônio Barbosa de Oliveira construiu um nicho de alvenaria e fixou no topo uma pequena cruz de madeira, com frontispício em barroco e porta de 5 palmos (DAMIÃO, 2013, p.3).

Ana procedia dos Algodoads de Cabaceiras e foi infectada no Sítio do seu tio, no qual ela tinha o costume de frequentar habitualmente durante alguns dias do mês. Ana era uma jovem esbelta e por estimativa findou por falecer entre os seus 18 aos 20 anos de idade em 1956 (NOBREGA FILHO, 1974).

A construção do cemitério atraiu moradores para a região e, com isso, houve o surgimento da vila, porém é importante salientar que podemos encontrar povos colonizadores nesta região desde meados do século XVII. Temos, por exemplo, a presença da família Oliveira Lêdo que se dedicavam a criação de gado e de produtos alimentícios, entretanto, as fazendas que estavam localizadas na região ficavam distantes uma das outras o que não permitia uma prática social (MARINHO, 2014). Portanto, vemos que “o surgimento desse povoado se deu pela necessidade de um espaço de sociabilidade para as pessoas que habitavam a cercania daquela necrópole, e também pelo fato de que vinham pessoas de diversas localidades e de todas as distancias sepultar os seus parentes” (PEREIRA, 2010, p. 42 e 43).

A toponímia da futura cidade representava uma extrema falta de imaginação. Horas e horas foram gastas, em raciocínio, à cata de um nome que se coadunasse com aquele semblante êrmo do lugar. Por isso é que o missionário proclamou de Solidão a antiga Malhada das Areias Brancas. Não vingou. Imediatamente sugestões lhe chegaram às mãos. Ninguém tivera antes a iniciativa primeira, mas, tão logo se aperceberam do afônico do vocábulo, conseguiram, democraticamente, que o mesmo fosse mudado para o de Soledade. Aceitando tal inspiração da maioria bradou o missionário: “Neste momento proclamo a fundação de Soledade”. E, enfaticamente, “Soledade nasce no craúá e nele florescerá!” Porém, por ser exageradamente devoto de Sant’Ana, e em homenagem a Aninha, cujo o sepulcro ficava exatamente onde hoje o altar-mor da Igreja Matriz (NÓBREGA FILHO, 1974 p. 22/23).

Como explanado na citação acima, no ano de 1865, a capelinha de Aninha deu lugar ao que atualmente é o altar da Igreja. O prédio arquitetônico foi feito com o objetivo de se tornar o centro de ritual da Igreja Católica no local e foi construído em cima do “Cemitério Soledade” e também foi uma ação iniciada por Padre Ibiapina. Sobre Soledade ainda enquanto vila Joffily discorre:

Soledade – esta villa, cuja fundação data de 1856 acha-se 14 léguas a O. de Campina e 12 a N. de São João do Cariri. É situada em terreno arenoso e algum tanto elevado, na distância de um kilometro de riacho Quichady, que impropriamente chamão de Macacos. A Villa é ainda pequena, mas possui igreja sofrível, filial da matriz de S. João do Cariri; mercado onde se faz a feira semanal e algumas casas particulares de bela apparencia (JOFFILY, 1977, p. 296).

Soledade é emancipada no dia 24 de setembro de 1885. A transformação de Curato em Paróquia ocorreu em 10 de novembro de 1913, por ato de Dom Adauto de Miranda Henriques. A posse do 1º Vigário, José Bethamio de Gouveia Nóbrega, na Paróquia de Sant’Ana ocorreu no dia 27 de maio de 1917.

A elevação de Curato de Soledade à categoria de Paróquia se deu em 10 de novembro de 1913, por ato de Dom Adauto de Miranda Henriques, em atendimento a um desejo da população, somando às condições sobejas da época. A partir daquele momento o templo de Sant’Ana era transformado em Igreja Matriz, na forma do Sagrado Concílio Tridentino e mais leis vigentes, com todos os direitos e privilégios, honras, prerrogativas e distinções canônicas. A posse do 1º Vigário da Paróquia de Sant’Ana Cônego José Bethamio da Nóbrega acontece no dia 27 de maio de 1917, às nove horas da manhã, na Igreja Matriz, oportunidade em que portava a Provisão assinada no dia 14 do mesmo mês e na, e se fazia acompanhar das testemunhas: Júlio Tavares e Manoel André de Gouveia (LUCENA, 2013, p.19).

A ação de personalidades religiosas foi muito importante não apenas para o surgimento como também para o crescimento da cidade. Nesta dinâmica de construção social, cultural e política de um lugar – entre nomes como Padre Ibiapina, Frei Damião, Padre Ginu, entre outros – destaca-se uma figura feminina que foi uma das participantes mais relevantes para o desenvolvimento da cidade se tornando, em sua época, referência educacional e religiosa para as comunidades circunvizinhas. Esta mulher era Irmã Ana de Nazareth pertencente à Ordem das Missionárias das Irmãs Nossa Senhora de Fátima.

3 A CULTURA MISSIONÁRIA DAS IRMÃS NOSSA SENHORA DE FÁTIMA: MEIOS SECULARES PARA PROMOVER E PROPAGAR A PALAVRA CRISTÃ

“Santíssima Virgem, que nos montes de Fátima vos dignastes revelar aos três pastorinhos os tesouros de graças que podemos alcançar, rezando o santo rosário, ajudai-nos a apreciar sempre mais esta santa oração, fim de que, meditando os mistérios da nossa redenção, alcancemos as graças que insistentemente vos pedimos (pedir a graça). Ó meu bom Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu e

socorrei principalmente as que mais precisarem (Oração a Nossa Senhora de Fátima).

3.1 As Irmãs da Ordem de Nossa Senhora de Fátima e a cultura popular

Na revista “O Cruzeiro” no Rio de Janeiro, em edição número 0001, publicada no dia 10 de fevereiro de 1966, nós podemos acompanhar algumas das diretrizes das Irmãs Missionárias Nossa Senhora de Fátima. A matéria foi feita para divulgar a viagem para o Velho Mundo em ocasião da Peregrinação Brasileira à Fátima, em um coquetel no Giulio Cesare, devido ao 50º aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora, e acabou por espelhar parte da conjuntura cultural na qual as Irmãs estavam alicerçadas. Para elas muitos eram os caminhos que podiam levar as pessoas ao Céu e, por isso, elas faziam uso da cultura popular ao adicionarem componentes como a música e a dança. Usavam os meios seculares como ferramenta para promover e propagar a mensagem de Deus entre a população. Era considerado

“o espírito moderno da Religião, adaptando-se ao ritmo dos novos tempos [...]. As vozes educadas nos cânticos sacros, os joelhos calejados nos genuflexórios, a disciplina adquirida nos trabalhos árduos da vida piedosa – tudo isso posto a serviço de uma causa que também tem a ver como a Fé, na comunicação direta: canto, música e dança, com apoio no folclore e na inspiração popular” (OLIVEIRA, 1966, p.36).

O uso dessas ferramentas era notório por parte das Irmãs, pois elas se apresentavam tanto em números de cantos quanto de dança, apoiavam o folclore, gravaram, até mesmo, um disco e se apresentaram na televisão (OLIVEIRA, 1966). Nesta mesma matéria a Irmã Ana de Nazareth localizava-se no Rio de Janeiro para uma apresentação. Na fotografia de número 01 podemos observá-la em seu ato de fé, caridade e religiosidade. Ela aparece tocando o violão. Com este instrumento e a sua voz ela fazia exaltações para o Senhor e identifica-se como promotora da religião católica e da fé cristã.

Fotografia 01: Irmã Ana de Nazareth em coquetel no Giulio Cesare (RJ) tocando violão e cantando em apresentação cultural que comemorava a peregrinação ao Velho Mundo em homenagem ao aniversário da aparição de Nossa Senhora de Fátima.



Fonte: O Cruzeiro, 1966.

O movimento pregado e aplicado pelas missionárias de Fátima era uma estratégia fortemente alicerçada na realidade da população brasileira e, por esta razão, atraía muitos fiéis que encontravam nas suas condutas um lugar mais próximo de Deus. Foi essa cultura religiosa que a Irmã Ana de Nazareth trouxe para a cidade de Soledade durante a sua prática missionária em meio ao território paraibano.

3.2 As faces da Irmã Ana de Nazareth: a pluralidade de uma religiosa

Para iniciar o conhecimento sobre a Irmã Ana, tendo em vista a falta das documentações escritas preservadas e não disponibilizadas pela Ordem Religiosa, utilizamos como metodologia a História Oral. A História Oral é uma grande contribuição para o resgate da memória e para realizações de pesquisas, pois possibilita a reconstituição de fatos coletivos (THOMPSON, 1992). Além disso, ela pode ser utilizada para alcançar passados não tão remotos. Passados no quais nós temos com vida as suas testemunhas (ALBERTI, 1989). Portanto, podemos classificar a história oral como:

Uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à

fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2005, p. 155).

Deste modo, com o uso da história oral, revistas e fotografias nós fomos reconstruindo a imagem de Ana de Nazareth. Sobre a Irmã Ana de Nazareth pouco se sabe principalmente ao que se refere a sua origem, a sua infância, aos seus familiares, e ao seu destino após atuar na cidade de Soledade. Sabemos que ela era da cidade de Sertânia, do Estado de Pernambuco, e que fazia parte da Ordem de Nossa Senhora de Fátima, com sede no Rio de Janeiro. Era professora, cantora, música, compositora, artista plástica e evangelizadora. Ela veio para Soledade e criou, em 1968, a unidade da Ordem na qual ela pertencia que foi inaugurada no dia 11 de março do mesmo ano. A Ordem teve como sede a antiga residência na qual viveu o Coronel Dino, político local, figura célebre entre os soledadenses.

A Irmã Ana chegou de repente na cidade e deixou, no período de sua passagem, grandes feitos que foram essenciais para o crescimento e engrandecimento do município em vários aspectos do cotidiano, sejam eles religiosos ou educacionais. Ela se tornou uma personalidade importante e em destaque ocupou diversos lugares de prestígio, como bem aponta Lucena (2013):

Na trajetória de Soledade existe um registro dos mais importantes na passagem de uma noviça que chegou de forma surpreendente e após uma longa estada, com uma atuação das mais brilhantes, seguiu seu destino sem deixar pistas do paradeiro seguinte. Sabe-se apenas que a Irmã Ana de Nazaré, proveniente da Ordem de Nossa Senhora de Fátima, com sede no Rio de Janeiro desembarcou nessa terra ainda na década de 60, trazendo na bagagem um dinamismo muito adiante daquela época, somando a uma vontade incessante de promover o desenvolvimento com a promoção social (LUCENA, 2013, p.39).

Entretanto a passagem e feitos da Irmã fora silenciada em uma das pesquisas mais relevantes no contexto da História Local da Cidade de Soledade que é a obra “Malhada das Areias Brancas” escrita pelo Inocêncio Nóbrega. Livro que atualmente, no cenário histórico da literatura acadêmica, é obrigatório para todos que queiram se debruçar sobre a pesquisa do passado da Cidade de Soledade. Apesar de ele descrever o período no qual a Irmã Ana de Nazareth atuava na região, segundo Nóbrega (2020), em entrevista cedida por e-mail, a Irmã foi silenciada devido a sua chegada e retorno inesperado à cidade e que segundo comentários da população deixou diversas dúvidas na região.

Segundo o entrevistado Juarez Filgueiras de Gois este silêncio seria decorrido de que o livro se preocupava mais em apontar as ações de famílias enraizadas no território em questão e não forasteiros:

No livro de Inocêncio Nóbrega ele estava mais voltado para a valorização das famílias tradicionais da cidade. Pois, na verdade, ele queria enaltecer a família Nobrega, Gouveia, que veio do Ceará e do Pernambuco, e as famílias nativas daqui que são as famílias Albuquerque, a família Falcão, Bezerra, Miranda... De modo que eram famílias tradicionais. [...] Ele não teve o objetivo de valorizar pessoas que vieram ajudar Soledade. Vou explicar o porquê, Soledade nesse ponto de vista [...] eles não gostavam de acolher pessoas que vinham de fora, isto eu senti na carne¹⁰.

A aversão em relação aos estrangeiros pode estar envolvida em diversos aspectos da camada social: primeiramente o forasteiro era alguém do qual não se sabia muito a respeito, não se conhecia a família, os costumes, os vícios ou quaisquer outras características que pudessem prejudicar a cidade e os seus moradores, isto é, há suspeita em relação à índole; o forasteiro era um indivíduo que ocupava os cargos empregatícios que deveriam ser ocupados pelos moradores “por direito”, quer dizer, por serem nascidos e sidos criados no local; eles eram ameaças às tradições locais, podiam trazer novos costumes, movimentos, que podiam ir de encontro com aqueles já definidos pelas famílias tradicionais que se vêm como donos do local, como pais criadores, e que fazem daqueles que são de fora subordinados as suas diretrizes sociais; os forasteiros podem causar uma luta de poderes e inclusive tomar o poder para si. Ao observar as conjunturas políticas atuais fica evidente que o poder político, de fato, ainda se perpétua nos mesmos sobrenomes nos quais há cem anos já estavam alicerçados nas teias de poder de Soledade.

A Irmã Ana como uma forasteira passou pelo processo de causar aversão em alguns dos moradores. É importante salientar que as ações da Irmã não a trouxeram apenas amizades como inimizades. Para alguns cidadãos da época Ana de Nazareth não era enxergada como uma pessoa imaculada, pois supostamente chegou à cidade um boato que veio do próprio Padre dirigente da Ordem de Fátima, do Rio de Janeiro que:

Esse Padre, dizem... Que ela participou lá no Rio de Janeiro de uma área de prostituição, mas ela se converteu, entendeu? Então, por essa razão, o pessoal tinha, como o pessoal daqui era muito religioso, ficavam suspeitando de Irmã Ana, que não era uma pessoa... Assim uma religiosa, uma pessoa pura¹¹.

¹⁰ Entrevista realizada com Juarez Filgueiras de Gois cedida no dia 12 de março de 2020. Gravada em áudio.

¹¹ Entrevista realizada com Juarez Filgueiras de Gois cedida no dia 12 de março de 2020. Gravada em áudio.

Portanto, podemos perceber que a sua imagem para os moradores não é completamente limpa, confiável e pura. Ela foi acusada de ter supostamente colecionado inimizades na cidade, de ter deixado várias dívidas no comércio de Soledade, de Campina Grande e de ter protagonizado vários escândalos de calotes, entre eles, uma peregrinação ao Rio de Janeiro em que, apesar de todos os participantes terem feito o pagamento do transporte, a viagem nunca teria ocorrido nem o dinheiro teria sido estornado. Sobre os salários dos professores da escola podemos apontar que:

Ela não era “pagadeira”, ela não gostava, inclusive, ela atrasava o pagamento da gente, da escola, que eu fui professor lá e ela costumava atrasar as mensalidades, às vezes não pagava o salário completo. E o maior defeito que eu vi nela, além desse aí, é que ela promovia muitas festas dançantes até lá na escola para angariar dinheiro para o colégio e para atender as necessidades do colégio e nessas festas ela não prestava contas. Não tinha nem a quem prestar contas que ela era a Diretora Geral. Não existia um conselho da escola, a diretoria quem mandava, era ela. [...] por último, quando ela foi embora daqui, ela promoveu uma festa muito grande dos concluintes para ajudar na formatura e os concluintes ficaram a ver navios, pois foi nesse momento que desapareceu irmã Ana de Soledade e o dinheiro da festa? Ninguém sabe pra onde ela foi, quanto levou, ninguém sabe... É uma coisa que a gente não pode provar nada. Isto mostrou que ela não era uma pessoa honesta¹²

Apesar de todos esses supostos escândalos, a sociedade na época, levou apenas como boatos, causando receio em algumas pessoas que se sentiam ameaçadas por sua postura. A sua personalidade definida como madura, autoritária e extremamente inteligência a ajudou a ultrapassar, de maneira geral, os boatos e as pessoas que não mantinham um sentimento agradável em relação a ela. A sociedade costuma ter boas memórias em relação à Irmã, mas em conversa mais aprofundada acabam por rememorar os diversos escândalos que envolviam dinheiro.

Inclusive naquela época, ocorria o contrário, havia pessoas que demonstravam agradabilidade em relação à Irmã, pelo menos socialmente, mas que ela demonstrava repulsa como era o caso do prefeito que governou a cidade, o trigésimo oitavo prefeito, José Manoel de Araújo que teve seu mandato entre 1963 até 1969.

Você sabe que sempre a prefeitura foi uma instituição de apoio na cidade a todas as instituições que eram organizadas como, por exemplo, as escolas, que eram com o

¹² Entrevista realizada com Juarez Filgueiras de Gois cedida no dia 12 de março de 2020. Gravada em áudio.

apoio do Governo do Estado. Então, a prefeitura sempre teve esta influência, e ela procurou também José Manoel de Araújo, mas ela não confiava muito, porque ele não cumpria os compromissos com ela de apoio quando ela tinha uma necessidade maior na escola naturalmente viria a ser um apoio financeiro. É tanto que ela o chamava de... O abraço dele... Ele tinha uma história de um abraço quando se encontrava com ela. E ela dizia que não gostava muito, pois era o abraço do tamanduá. O tamanduá é aquele animal que só tem uma unha que dá o abraço, mas que ele fura por trás com a unha¹³.

Entre os laços de fortes alianças religiosas, políticas e repúdio, por parte de alguns membros da sociedade, foi-se construindo uma religiosa que contribuiu para a religião e para a educação de uma cidade que estava em processo de formação, de construção, que ainda estava dando os primeiros passos sociais. E entre os seus feitos os que mais se destacam são a criação do hino e da bandeira da cidade, porque, atualmente, eles permanecem vibrantes nos ares soledadenses.

4 “SENTINELA DO CARIRI, SOLEDADE DEUS VELA POR TI”: A CRIAÇÃO DA BANDEIRA E A COMPOSIÇÃO DO HINO DE SOLEDADE-PB

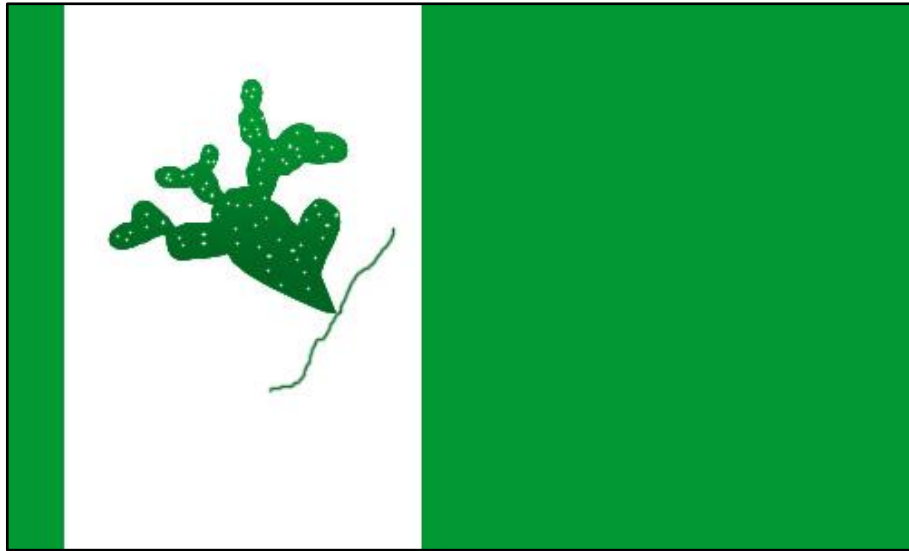
Soledade Centenária, dos heróis és relicária, sublime, de cantos árias. De povo humilde, trabalhador! Também de Ti ufana; Ao progresso se irmana em extasiante chama. Porfioso, de tenaz labor! Altaneiro é teu destino, como alvorada do hino e vibrante e paladino áureo marco da liberdade! Fulguras com heroísmo, este laurel de civismo exultemos com altruísmo, Centenária Soledade! (Inocência Nóbrega Filho).

4.1 A criação da bandeira

A bandeira da cidade de Soledade foi criada no ano de 1966 e é de autoria da Irmã Ana de Nazareth. A bandeira caracteriza-se por um *layout* simples. Em formato retangular ela é composta de duas cores: verde e branca; que respectivamente representam a esperança e a paz. No retângulo vertical de tonalidade branca há a imagem de um cacto. Esta planta é natural de regiões desérticas, lugar onde outras plantas têm dificuldades de sobreviver e, neste contexto, ela representa a esperança e a presença da vida em meio ao solo característico do Cariri, isto é, um retrato da vegetação local.

¹³ Entrevista realizada com Juarez Filgueiras de Gois cedida no dia 12 de março de 2020. Gravada em áudio.

Imagem 01: Bandeira da cidade de Soledade-PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Educação.

Alguns anos depois durante o governo do Prefeito Marinaldo Castelo Branco de Melo (1982-1988) houve a tentativa de mudar a bandeira da cidade. Inclusive foi criada uma nova bandeira que não foi aceita por diversos grupos do lugar. Ela possuía a cor branca e um símbolo no centro, este foi adotado em 22 de maio de 2009 pelo decreto de Lei N.496/2009, de acordo com o Art. 61, II, VII da Lei Orgânica do Município, como Brasão do Município de Soledade.

Na gestão do Prefeito Marinaldo Castelo Branco de Melo (1982-1988), foi criada uma nova bandeira. Entretanto, além de não ter sido oficializado, o novo símbolo municipal não agradou a muitos: nem àqueles que se interessam pela preservação cultural local nem a grande parte da população que, por um motivo ou outro, preferia a antiga bandeira. Por isso, depois de anos de insatisfações e reclamações por parte principalmente de estudantes e gestores escolares, em 04 de maio de 2010, pela Lei N. 525/2009 a Câmara Municipal aprovou e o Prefeito José Ivanildo Barros Gouveia sancionou a Oficialização do Hino Sentinela do Cariri e a Modificação da Bandeira do Município de Soledade, a antiga bandeira criada por Irmã Ana de Nazareth em 1966 (RODRIGUES, 2016, p.36).

Apesar de todas as divergências que implicavam a adoção da bandeira findou-se a escolha da primeira bandeira que por excelência ainda hasteia sob o céu da cidade refletindo os tempos passados, o valor ao patrimônio e a preservação da história da cidade.

4.2 A criação do hino “Sentinela do Cariri”

O hino no qual tem como autora a Irmã Ana reflete a representação de uma cidade que apesar de pequena e simples é acolhedora. O povo soledadense emerge como um elemento que configura honestidade e devoção religiosa, sendo este símbolo não apenas identificado no cenário local, mas como um grupo que se expande com a sua pacificidade nacionalmente. É evidente a presença dos elementos da religião Cristã ao fazer referência à proteção de Deus e a elevação à imagem de Nossa Senhora Santana. Apesar de apontar uma cidade que está em processo de crescimento afirma que o maior laço e a maior fidelidade são para com Jesus Cristo. Ainda faz referência a história do surgimento da cidade ao citar o fundador da cidade Padre Ibiapina. Vejamos na citação posterior a letra completa do Hino do Município de Soledade.

Sentinela do Cariri,/ Soledade Deus vela por ti (bis)/Soledade cidade fraterna/Sob um céu de eterno esplendor/A história do teu povo encerra/Grande exemplo de paz e valor/És tão simples acolhedora e pura/Qual Santana imortal padroeira/Mar no cerne de tua candura/Brilha a paz a nação brasileira/ Sentinela do Cariri,/ Soledade Deus vela por ti (bis)/Quem do berço o futuro ilumina/Quem sagrou teu primeiro caminho/Foi o labor do Padre Ibiapina/Foi a benção do Frei Martinho/O futuro hoje guia teus passos/O progresso te eleva e conduz/Mas acima de todos os laços/És fiel ao comando da cruz/Soledade Terra viril/ Soledade Brasil (bis) (NAZARETH apud LUCENA, 2013, p. 38).

Em meio a estes lugares ocupados pela Irmã Ana é relevante, neste estudo, levantar as questões de gêneros vinculadas às questões políticas e culturais. Em meados do século XX estávamos (e ainda estamos) vivendo em todo Brasil uma sociedade machista que é uma herança herdada da Europa durante a invasão às terras tupiniquins. Ainda eram fabricados e vendidos manuais nos quais havia ensinamentos referentes à maneira correta que o gênero feminino deveria se comportar: seja criança, adolescente, solteira, casada, viúva... Enxergando o Brasil como um país propagador das ideias histórico-cultural ligada a formação da função e dos padrões da mulher na sociedade podemos enxergar que já havia começado o rompimento deste padrão ao mesmo tempo em que continuava a sua propagação. Alias no século XX este papel da mulher já vinha mudando. O poder da mulher vinha ganhando forças poderosas assim como um espaço na sociedade política. Dentre tantas conquistas o direito ao voto feminino no Brasil em 1932 na Era Vargas (MAZZA, 2015).

A cidade de Soledade pode e deve ser percebida como um rompimento parcial com essas diretrizes generalizadas em relação à mulher como uma figura social completamente

submissa ao seu esposo, pai, e outros. Não apenas por causa da Irmã Ana como devido a outros movimentos políticos levantados e sustentados somente pelas mulheres que ocorreram antes de sua chegada. Neste caso estou querendo me referir a um descontentamentos populacionais na cidade de Soledade-PB, no final da década de 1940, que resultou em um movimento iniciado pelo autodenominado Elemento Feminino de Soledade.

Neste movimento mulheres reivindicaram ao Presidente do Brasil condições mais justas para o povo de sua cidade. Ele é de suma importância para compreendermos o contexto local desta cidade paraibana, trazendo à memória viva este acontecimento tão significativo, onde mulheres (pessoas que foram ao largo da historiografia praticamente apagadas dos livros de história) tomaram a frente em uma decisão política a fim de reivindicar os direitos de toda sociedade local neste momento histórico¹⁴.

Portanto, podemos ver que a Irmã Ana já encontrou na cidade em que atuava um cenário de mulheres fortes, que tocavam sanfona, tinham time de futebol, criavam e comandavam movimentos políticos. De todo modo, não podemos sustentar a hipótese de que todas as mulheres eram completamente livres, política e socialmente, neste local. Ainda haviam muitas que eram obrigadas a serem freiras, cumpriam rigorosamente o mandado do patriarcado, eram agredidas e principalmente traídas. Em partes, a traição por parte dos maridos era um ato comum, visto e aceito pelas mulheres locais.

¹⁴ Por isso, é de extrema valia dar luz a este enredo, onde mulheres em uma sociedade machista, em plena década de 1940, dão voz as suas vontades, desejos de uma sociedade sem perseguição política. Fatos que podemos comprovar devido à cópia da carta enviada pelo Elemento Feminino de Soledade, no dia 04 de fevereiro de 1939, a Eptácio Pessoa Cavalcanti pedindo apoio para fortalecer o movimento, assinadas por Theresinha Nóbrega, América Castor Pinheiro, Emiclea Nóbrega e Nellie de Gouveia Nóbrega; a cópia da Carta que foi dirigida ao chefe do país Getúlio Vargas, também pelo elemento feminino de Soledade, relatando a indignação do grupo. Pois, desde o momento em que a cidade resolveu retirar o apoio político ao então governador do estado, Argemiro de Figueiredo, ele está ameaçando transferir a sede do município de Soledade para, o lugar que na época era o seu antigo povoado, Juazeirinho. Nesta carta o grupo elenca que não existe nenhuma vantagem para as decisões do governo, consideradas injustas pelo grupo. Ainda, acusam o prefeito da cidade de tomar atitudes completamente impróprias como, por exemplo, retirar a feira do mercado público de um prédio (com 22 metros de frente, com 20 de fundo, isolado, com entradas e saídas em todas as faces) para deixá-la ao ar livre, em uma rua sem calçamento, entre outros descontentamentos, que podem ser encontradas no Jornal Oficial do Estado, por exemplo, a transferência de uma professora, Josefa Ouriques de Vasconcelos, que foi transferida para uma cadeira rudimentar de um vilarejo do município de Campina Grande, por motivos de perseguição política. A carta também cita uma possível fonte que seria uma carta publicada pelo Jornal Católico do Estado. A carta encaminhada para Getúlio Vargas foi assinada por 160 mulheres soledadenses.

5 ATUAÇÃO EDUCACIONAL E RELIGIOSA: SERVIÇOS PRESTADOS A COMUNIDADE SOLEDADENSE

Louvores a Senhora Sant'Ana por ser das santas a primeira, viva a nossa defensora, viva a nossa Padroeira. Venham ver com que prazer em Soledade se levanta, em frente desta Matriz uma bandeira sacrossanta. Nela virei retratada, toda cheia de alegria, nossa grande Padroeira, Sant'Ana, Mãe de Maria. (Padre Ibiapina).

5.1 A atuação religiosa

A Irmã no âmbito religioso ocupava lugar de autoridade. Nas fotografias ela sempre estava em lugar de destaque cercada das pessoas mais importantes no cenário local de Soledade. Abaixo podemos compreender, na fotografia de número 02, a posição de prestígio ao acompanhar em uma refeição não apenas a autoridade religiosa local (Padre Ginu) como as autoridades regionais da Religião Católica no Nordeste. No primeiro plano da imagem identificamos as figuras em destaque: no centro, em frente à câmera está a Irmã Ana de Nazareth; na lateral esquerda, Frei Fernando; na direita, Frei Damião¹⁵; de costas está o Padre Ginu (Virgínio Stanislau Afonso); e em pé a soledadense conhecida por Dona Dezinha. No segundo plano nos chama a atenção à quantidade de pessoas que ocupam a janela e a porta, refletindo a popularidade daquela reunião entre religiosos, que eram, para a época, celebridades em meio aos populares.

¹⁵ Frei Damião era um religioso católico imigrante. Ele nasceu em Bozzano, na Província de Lucca, na Itália, no dia 05 de novembro de 1898 e foi batizado com o nome de Pio Gionnotti. Foi enviado ao Brasil em 1931 e teve como missão a evangelização. Em peregrinação esteve mais presente no Norte e Nordeste. Aonde chegava era recebido com muita festa. No dia 8 de abril de 2019 em decreto de sumo pontífice, no Vaticano, ele foi reconhecido como venerável pela Igreja Católica através do Papa Francisco. Atualmente estão sendo analisados os seus possíveis milagres pós-morte para que passe a ser considerado santo. Frei Damião morreu em Recife, em 1997, aos 98 anos (BRAGA, 2002).

Fotografia 02: Almoço na casa Paroquial, durante uma das missões de Frei Damião em Soledade em 1969.



Fonte: Facebook Soledade Memórias.

Na atuação religiosa da Irmã Ana o maior destaque ocorre em meio à catequese que era um verdadeiro espetáculo para a cidade juntamente com as ações de outra mulher, que fora extremamente preciosa no processo de catequização, que foi Nely Nóbrega. Na fotografia abaixo podemos ver uma dessas catequese em que as crianças desciam em procissão. As crianças estavam vestidas com uma manta branca e algumas faziam uso de asas de anjos. A rua que serve como palco para a fotografia, de número 03, é paralela onde atualmente é localizada a BR-230.

Como podemos observar as crianças desciam a rua até a Matriz Nossa Senhora Sant'Ana acompanhadas pelos seus familiares. Em ato de fé e adoração a sua religião iam a busca da aproximação da Ceia do Senhor. Era a celebração em memória de Cristo, o terceiro sacramento da Igreja Católica Apostólica Romana: A eucaristia.

Fotografia 03: Procissão das crianças 1º comunhão na Igreja Matriz Nossa Senhora Santana em maio de 1971.



Fonte: Facebook Soledade Memórias.

Em entrevista o soledadense, historiador e pesquisador Fernando Luiz de Araújo da Costa narra a relação entre a irmã Ana de Nazareth e a catequese:

Para a história religiosa da Irmã Ana é impossível separá-la da catequese. Primeira comunhão formada pela Irmã Ana de Nazareth tinham as crianças vindo a pé da casa de Nely para a igreja em procissão. Elas entravam cantando “Jesus é o nome que tem mais encanto, um nome mais santo que este não há, ergamos um viva, um viva a Jesus”. São características próprias de Irmã Ana ao toque da sarafina, as missas acompanhadas pelo coral das freiras e das mulheres que faziam parte da liturgia na época. Era uma população que estava carente deste tipo de formação¹⁶.

Irmã Ana ficou na memória de todos os participantes que fizeram a catequese sob a sua atuação, que é o que dá para captar nos comentários das fotos em que ela aparece nas publicações do *facebook* “Soledade Memórias”, pois sempre há palavras de saudosismos em relação à religiosa e ao tempo da catequese.

O processo de memória e esquecimento é bastante complexo. Segundo Maurice Hallbwachs (1990) a memória é seletiva e compartilhamos das memórias dos outros: “Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como

¹⁶Entrevista realizada com Fernando Luiz de Araújo da Costa cedida dia 28 de novembro de 2019. Gravada em Vídeo.

se uma mesma experiência fosse recomeçada [...]. (HALLBWACHS, 1990, p. 25)”. Devido a sua imagem como escritora, letrista, diretora, professora, catequista, freira, música, entre outras, a memória coletiva da população tende a enxergá-la com saudosismo.

Até mesmo, porque se pararmos para analisar a estrutura de toda a sua passagem pela cidade, de maneira completa e estrutural, iremos notificar que ela deixou, de maneira material e imaterial, mais lembranças boas do que ruins, mais pessoas beneficiadas que pessoas prejudicadas. Assim, podemos identificar que existem duas memórias acerca da Irmã, uma disputa de memória, em que uma tenta se sobressair sobre a outra, de que: Irmã Ana era uma freira, uma mulher de Deus que pregava e propagava a religião católica; ela era uma mulher pecadora e que usava o seu lugar de autoridade para benefício próprio.

Nas conversas informais as pessoas iniciavam falando as atitudes benfeitoras, por último as supostas transgressões, mas, em geral, elas não queriam associar o seu nome a uma fala que iria publicamente denegrir a imagem de uma freira. Ao mesmo tempo, houve o encontro com pessoas que disseram terem sido extremamente prejudicadas pela Irmã, contudo também prefeririam não acusá-la publicamente. Diante de tudo podemos dizer que as memórias das duas faces da Irmã caminham lado a lado na memória individual de alguns cidadãos, entretanto, na memória coletiva e exposta, se perpetua a figura da Irmã Ana de Nazareth que só contribuiu para o crescimento de todos os soledadenses.

5.2 A atuação educacional

A irmã Ana ocupou o cenário educacional ao fazer parte da direção e do corpo docente do Antigo Ginásio Comercial Professor Gervásio Bonavides que posteriormente passou a ser chamado de Colégio Trajano Nóbrega. O Colégio passou a se tornar um referencial de ensino não apenas para o território rural e urbano da cidade de Soledade como abrangeu as demais cidades da região atraindo jovens estudantes e seus pais que buscavam uma melhor qualidade de ensino para os seus filhos. Lembrando que o colégio no início era particular, portanto, quem fazia parte dele eram filhos de pessoas que tinham posses e que podiam garantir uma qualidade educacional voltada para o comércio, contabilidade, línguas clássicas, entre outros saberes.

Dentre as cidades que procuraram o estabelecimento de ensino, dirigido pela Irmã Ana, destacamos Taperoá salvo que um dos idealizadores da instituição de ensino fora o Dr. Taigy (Filho) que era natural desta cidade. Além disso, Soledade tornava-se a opção mais viável já que a outra opção mais próxima seria Campina Grande. E aquele era um tempo em

que, além dos meios de transportes não serem de fácil acesso, a passagem para chegar à cidade, que era a BR 230, ainda estava em processo de construção na década de 60.

No final da década de 60, o referido estabelecimento de ensino passou a ser parte integrante da vida cultural da cidade abrangendo um Grêmio Literário e os cursos: Jardim de Infância; Técnico Industrial e Escola Normal. O ex-Ginásio Comercial foi extinto e sua documentação foi enviada a Terceira Região de Ensino (1975). O Colégio Trajano Nóbrega teve vários patronos para cada divisão escolar, respectivamente, “D. Badu”, Dr. Taigy”, “Prof. Gervásio” e “Monsenhor Virgínio”. Sua manutenção passou a ser coordenada pela Sociedade Mantedora, sob a presidência do Senhor Rômulo Nóbrega e diretoria geral a Ir. Ana de Nazaré, Missionária de Fátima, que também dirigia um externato (LUCENA, 2013, p. 34 e p. 35)

Além de fazer parte da direção A Irmã era docente de várias disciplinas principalmente de Sociologia. Mostrava-se uma mulher de inteligência bastante perspicaz. Sua relação com os alunos era autoritária “a disciplina dela era rigorosa qualquer falha dos alunos era suspensão, mandava chamar os pais, e ela era respeitada nesse aspecto de disciplina”¹⁷. Para manter o Colégio e a sua qualidade educacional a Irmã Ana de Nazareth fazia uso da estratégia de promoção de festas e bailes beneficentes para a escola, pois elas traziam recursos financeiros para a Instituição. Ao mesmo tempo era um momento de lazer e descontração para os cidadãos soledadenses.

Abaixo, na fotografia número 04, podemos observar a Irmã Ana sentada, ao seu redor as demais noviças que faziam parte da Ordem, tocando uma sanfona em uma das festividades. Ela mandava buscar, na casa do Senhor Miro sanfoneiro, à sanfona para tocar em reuniões e festividade entre os cidadãos e no Colégio.

As festas realizadas para adquirir dinheiro para a instituição de ensino agradara a uns e desagradara a outros. Estas atuações incomodaram às classes mais conservadoras, mas era aceita pela juventude que iam para as festas para dançar vips, fevers, músicas que embalaram os anos 60. Devido a estas posturas mais liberais era considerada uma mulher “a frente do seu tempo”, entretanto não podemos nos esquecer de que esta era uma característica um tanto comum as Irmãs Nossa Senhora de Fátima (como foi visto anteriormente no título número três: “A Cultura Missionária das Irmãs Nossa Senhora de Fátima: meios seculares para promover e propagar a palavra cristã”).

¹⁷ Entrevista realizada com Juarez Filgueiras de Gois cedida no dia 12 de março de 2020. Gravada em áudio.

Fotografia 04: Irmã Ana de Nazareth tocando sanfona em festividade soledadense.



Fonte: Soledade Memórias.

Portanto, seu grande feito na educação foi criar um Colégio que iria de contraponto a outra escola que já existia em Soledade que era a Escola Estadual Padre Ibiapina, que foi criada em 1948 e ainda hoje mantém o seu funcionamento.

Em entrevista, o professor e historiador Juarez Filgueiras de Gois relata que foi professor deste Colégio tendo como diretora a Irmã Ana e vice-diretora Noêmia Queiroz:

Foi na verdade um momento muito feliz, porque foi na sua Escola Gervásio Bonavides que funcionava onde hoje é o Museu. Eu fui convidado para ser professor daquela escola. Eu tinha chegado a Soledade há pouco tempo, em 1969, e como o delegado da cidade era Luiz Rodrigues, ele tinha me conhecido na minha cidade, São Bento, [...] Foi meu professor e por essa razão [...] ele me acolhe na escola e me convida para ser professor. Sargento Rodrigues na cidade era bem conceituado estava querendo deixar de ensinar no Colégio, porque ele tinha um comércio lá em São Vicente do Seridó que ele estava querendo ampliar¹⁸.

Outras marcas educacionais da Irmã eram as organizações dos desfiles cívicos, que se tornaram memoráveis para todos que viveram aquele período, e a formação das bandas marciais de destaque. Em entrevista o historiador Fernando Cordeiro afirma que:

O desfile do dia 7 de setembro que ela organizava era com os pelotões de temas específico: escravidão, cana de açúcar, ciclo de algodão. E tudo isso passava em praça pública diante do prefeito, o palanque lotado de personalidades, e a

¹⁸ Entrevista realizada com Juarez Filgueiras de Gois cedida no dia 12 de março de 2020. Gravada em áudio.

estudantada passava acompanhando a banda 26 de julho, cantando os dobrados. Era realmente um marco cívico da Cidade promovido pelo Gervásio Bonavides e pela própria Irmã Ana de Nazareth¹⁹.

O seu sucesso em relação aos desfiles cívicos ocorreu, porque ela tinha a ajuda dos militares principalmente do Sargento Rodrigues. Vejamos abaixo um dos desfiles cívicos organizados pela Irmã Ana de Nazareth juntamente com o Sargento Luiz Rodrigues de Carvalho. Na fotografia número 05, em frente à fileira ordenada lateralmente, podemos observar o Sargento Rodrigues e na margem à direita a Irmã Ana em processo de organização e verificação dos alunos.

Fotografia 05: Desfile Cívico onde a Irmã encontra-se a margem direita da fotografia acompanhando a organização do desfile.



Fonte: Soledade Memórias.

O Sargento Rodrigues na cidade era considerado um homem de respeito que se destacou em várias vertentes entre elas com a fundação dos escoteiros. A relação entre a Irmã Ana e o Sargento Rodrigues era de laços estreitos de cordialidade e respeitabilidade. Ele era considerado por ela uma pessoa que inspirava confiança e segurança dentre todos que tinha contato no Colégio ao qual dirigia. Portanto, podemos concluir, em vias que todos os trabalhos aplicados pela Irmã foram de fundamental relevância para elevar Soledade na época

¹⁹Entrevista realizada com Fernando Luiz de Araújo da Costa cedida dia 28 de novembro de 2019. Gravada em Vídeo.

em questão como uma das cidades da região que tinha melhores oportunidades de qualificações educacionais. Ela aproveitava-se dos desfiles cívicos por suposto com todo o requinte de perfeição moldado pela religião e pelos militares durante a Ditadura Civil Militar para fazer o Colégio ser visto e identificado aos olhos da população como um pólo educativo que não apenas instruía o cidadão como também atuava nas disciplinas dos corpos, tornando-os alunos aptos para uma sociedade que exigia postura de docilização, preparação e obediência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Irmã Ana de Nazareth deixou os rastros de sua passagem por Soledade. Rastros que possibilitam que tenhamos conhecimento de que na cidade existiu uma mulher chamada Ana de Nazareth e que ela foi responsável pelos diversos feitos citados no corpo deste trabalho. Contudo devemos nos atentar que, diferente dela, muitas outras pessoas que possivelmente passaram pela cidade e deixaram grandes contribuições tiveram os vestígios de sua passagem perdidos e/ou guardados e, devido a isso, estão em um esquecimento coletivo. Neste sentido o estudo da História Local permite que, através da investigação, possamos realizar um mergulho ao mar do esquecimento e resgatar personagens e acontecimentos tidos como perdidos.

Devido ao Hino e a Bandeira da cidade o seu nome não se perdeu, visto que, era e ainda é recentemente lembrado e, com isso, conseqüentemente, as suas outras atuações na cidade vêm à tona, diante das indagações das investigações, com duas vertentes, pois ao mesmo tempo em que ela é lembrada com saudosismos, encantamentos e reverências, ela é apontada, durante esta pesquisa, sob acusação dos próprios moradores da cidade como uma mulher que tinha faces; uma santa e outra pecadora. Fora acusada de roubo por alguns, fora apontada como uma mulher que por ser uma freira tinha hábitos um tanto questionáveis. Ela foi embora sem deixar vestígio algum de seu destino.

Mas a memória coletiva submerge-a com louvores. Em resposta aos atos da religiosa na cidade foi proposto no dia 17 de agosto de 2015, na Câmara Municipal de Soledade, Casa José Osório da Nóbrega, por iniciativa do vereador Reginaldo Gomes Falcão, o projeto no qual nomeava uma das escolas da cidade com o nome da Irmã. Ele foi aprovado em sessão ordinária com autógrafo N.º 030/2015 e foi o projeto de lei N.º 024/2015.

No mesmo ano saiu em Diário Oficial dos Municípios do Estado da Paraíba, no dia 24 de agosto, por decreto de lei N.º 696/2015, durante o governo do Prefeito José Bento Leite do Nascimento que o prefeito deveria ao fazer uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 82, II da Lei Orgânica do Município e por em vigor a lei aprovada pela Câmara de que fica denominada de Irmã Ana de Nazaré (sic) a Escola Municipal que foi construída no Bairro de Chico Pereira neste município. A escola é de Ensino Infantil e atualmente tem 255 alunos. O ato de rememorá-la ao nomear o seu nome à Escola reflete que a sua lembrança continua viva em Soledade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**. S.1. VXIV. Porto, 1998. (p. 77-97). Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>> Acesso em: 14 jan. 2020.
- ADILSON FILHO, José. A história local em tempos de globalização. In: **Limites dos Horizontes do Tempo: textos em história local**. João Pessoa: Ideia, 2019. p. 177-188.
- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BERRAL, R.S. **A medusa da modernidade: a cidade de Recife à luz da fotografia**. 2. Ed. Campina Grande: UFCG, 2009.
- BRAGA, Wilson. **Frei Damião: o andarilho do bem**. 2 Ed. Centro de Documentação e Informação Coordenação de Publicação: Brasília, 2002.
- CARPINTÉRO, Marisa Varanda; CERASOLI, Josianne. A Cidade Como História. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 61-101, jan./jun. 2009.
- COSTA, Fernando Luiz de Araújo da. **Atuações de Irmã Ana de Nazareth na religiosidade de Soledade**. Entrevistadores: Juliana Falcão, Marcos Túlio e Gabriel Diniz. Soledade, 2019. Vídeo.
- CUNHA, Maria de Fátima. **Mulher e historiografia: da visibilidade à diferença**. Hist. Ensino, Londrina, v. 6, p. 141-161, out. 2000. Disponível em: <<http://srv-009.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12396/10864>>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- GOIS, Juarez Filgueiras de Gois. **Atuações de Irmã Ana de Nazareth na educação de Soledade**. Entrevistadora: Juliana Falcão. Soledade, 2020. Áudio.

LUCENA, Damião. **Soledade em Revista**: edição histórica. V.1. João Pessoa: Moura Ramos Gráfica Editora. 2013.

JOFFILY, Irenêo. **Notas Sobre a Parahyba**. Brasília: Thesaurus Editora, 1977.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Paris, PUF, 1968.

MARCHI, João de. **A verdadeira história de Fátima**: uma narração completa das aparições de Fátima. Associação cultural apartado: Coimbra, 2007. Disponível em: <<https://fatima.org/wp-content/uploads/2018/02/True-Story-of-Fatima-Port.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

MAZZA, Luan. **A mudança da sociedade**: o papel da mulher do início do século XX ao XXI, tendo como parâmetro o Código Civil de 1916 e 2002. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/40676/a-mudanca-da-sociedade-o-papel-da-mulher-do-inicio-do-seculo-xx-ao-xxi-tendo-como-parametro-o-codigo-civil-de-1916-e-2002>> Acesso em: 20 fev. 2020.

MELO, Demian Bezerra de Melo. Ditadura “Civil-Militar”?: controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente. **Espaço Plural**. N. 27. 2012. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/viewFile/8574/6324>> Acesso em: 10 de jun. de 2020.

MENESES, José Newton Coelho. Olhares sobre a memória: monumento histórico e turismo. In: **História e Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 31-40.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História Regional e Local**: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. Salvador: Arcádia, 2002.

NÓBREGA FILHO, Inocêncio. **Malhada das Areias Brancas ou história de uma cidade**. Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1974.

_____. Inocêncio. **Atuações de Irmã Ana de Nazareth na sociedade soledadense**. Entrevistadora: Juliana Falcão. Soledade, 2020. E-mail.

OLIVEIRA, Leão Goldim. **A alegria no caminho de Fátima**. In: Revista o Cruzeiro. Ano XXXIX. N.º 1. 2 de outubro de 1966. (p. 36-37).

PEREIRA, José Tiago Marinho. **Memórias de Soledade**: Da Belle Èpoque aos Anos Dourados do Curso de Licenciatura em História da UEPB – Campus Campina Grande. 2010. 108 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010.

PINTO, Irineu. **Datas e Notas para a História da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária, 1916.

RODRIGUES, Maria da Conceição Alves. Aspectos históricos, geográficos e socioeconômicos do município de Soledade-PB. In: **A Flor do Caruá**: Narrativas sobre uma cidade paraibana.

SALES, ANDRE. **Soledade Memórias**. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/andre.sales.566>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida, pois, cada um deles, deixaram em mim os resquícios de conhecimentos que me foram necessários para minha capacitação intelectual e moral. Abrangendo aqueles professores sem títulos que ensinam que a arte de viver vai além de um diploma, mas também a maneira a qual tratamos nossos semelhantes e a nós mesmos. Porque a vida ela é finita, todos sabem, e as raízes que deixamos para a posteridade não devem estar ligadas apenas a carreira acadêmica como aos ensinamentos de amor, caridade e respeito que ecoam por gerações e gerações quando deixamos raízes bem fincadas em nossa terra.

Agradeço a Universidade Estadual da Paraíba, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa e ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local pela iniciativa da formação da Especialização em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura.

Agradeço a todos os professores da especialização através da professora Luíra Freire Monteiro.

Agradeço ao professor Glauber Paiva da Silva e o professora Raquel Silva Maciel que com toda atenção profissional aceitaram de bom grado o convite feito por mim e pela minha orientadora Hilmária Xavier Ribeiro para compor a banca deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a minha orientadora Hilmária por toda atenção, conselhos, direcionamentos, conversas e correções. Com toda certeza tornou-se mais leve esta jornada tendo-a como orientadora. Obrigada por tudo.

Agradeço a Inocêncio Nóbrega Filho, Juarez Filgueiras de Gois e Fernando Luiz de Araújo da Costa por terem aceitado tão gentilmente conceder as entrevistas que foram fontes fundamentais para este trabalho.

Agradeço a Ismaell Filipe da Silva Bento e a Adjefferson V. A. Silva por debates que me direcionaram durante a minha jornada enquanto pesquisadora.

Agradeço a Deus em sua plenitude que me fortaleceu com sanidade, capacidade, mobilidade e ação.

Agradeço a minha família, de maneira geral, em especial, ao meu Pai, Francisco de Assis Queiroz Falcão, a minha mãe, Maria das Dores de Oliveira Falcão e aos meus sobrinhos, Pedro Henrique Falcão e Aguida Sofia Falcão.

Agradeço ao meu namorado, Diego Lopes Soares, por sempre acreditar e incentivar as minhas escolhas, por cuidar de mim e por ser um exemplo de homem admirável.

Agradeço aos meus amigos em especial a Artur Fernandes, Claudiana Rodrigues, Bhetys Oliveira, Ozilane Oliveira, Diego Araújo, Evinho, Patrícia Melquiades, Juliana Almeida, Diena, Rafaela Marinho, Luciene, Georgeane, Joana, Ana Flávia e Rafaela Borges.